

## VIDAS SECAS & PORTEIRA FECHADA: CONFLUÊNCIA DE OBRAS NO ROMANCE DE 30.

## VIDAS SECAS AND PORTEIRA FECHADA: CONFLUENCE OF LITERARY WORKS IN NEOREALISM.

Haidar Sidney Kichenski Chahine <sup>1</sup>

sidon\_letras@hotmail.com

Marcia Lopes Duarte <sup>2</sup>

duarte@unisinis.br

**Resumo:** Este trabalho analisa de forma comparativa as obras *Vidas Secas* e *Porteira Fechada* – de Graciliano Ramos e Cyro Martins –. Os aspectos abordados são o tempo, o espaço e a sociedade. Além desses três tópicos centrais, a ambientação e a linguagem são abordadas de forma pontual. Bosi (2001), Gonzaga (2001) e Dimas (1994) – na área da literatura –, Netto (1990) e Chauí (2000) – na filosofia –, e Sodré (1987) – na história – são alguns dos autores que deram o suporte à pesquisa realizada. Nessas duas obras, produzidas no período denominado Romance de 30 ou neorealismo – segunda geração do modernismo –, analisamos a influência do meio político-social. Concluímos que os movimentos de esquerda (Partido Comunista), oriundos do marxismo, influenciaram as duas obras, e que, mesmo abordando espaços diferentes e usando diferentes estruturas sociais – dentro de um mesmo país –, abordam problemas agrários que eram comuns a todas as regiões do Brasil. Cyro Martins descreve a realidade do trabalhador rural do sul, enquanto Graciliano Ramos desenvolve sua obra em torno de trabalhadores rurais do nordeste. Tal conclusão nos permite defini-los como autores engajados.

**Palavras-chave:** Vidas Secas. Porteira Fechada. Romance de 30. Comunismo. Marxismo.

**Abstract:** This study tried to comparatively analyze the literary works “Vidas Secas” written by Graciliano Ramos and “Porteira Fechada” by Cyro Martins. The topics discussed in this research were time, space and society. Besides these three main topics, the ambiance and the language were punctually approached. Bosi (2001), Gonzaga (2001) and Dimas (1994) – Literature’s Theoreticians –, Netto (1990) and Chauí (2000) – Doctors in Philosophy –, and Sodré (1987) – Historian – are some of the authors who supported this study. We analyzed the influence of the political and social environment of these two literary works written during the Novels of the thirties period, or Neorealism – second generation of modernism. We concluded that the left political movements (Communist Party), coming from the Marxism, influenced both works that even talk about different geographic spaces and use distinct social structures – inside the same country –, showing agrarian problems that were common in all regions of Brazil. Cyro Martins describes the reality of a rural worker from the South, while Graciliano Ramos develops his work based on rural workers from the Northeast. This conclusion gives us subsidies to define the authors as engaged in politics.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; professor de Língua Portuguesa e Literatura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e do Serviço Social da Indústria – SESI-RS.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999); professora adjunta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e coordenadora de especialização da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

**Key words:** Vidas Secas. Porteira Fechada. Brazilian Neorealism. Communism. Marxism.

## 1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo principal analisar comparativamente as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, levando em consideração o aspecto literário, histórico e político. Para que isso seja possível, faz-se necessário entender o período histórico referente à época em que foram desenvolvidas as obras. Da mesma forma, necessitamos realizar uma descrição que esclareça de forma satisfatória a escola modernista, mais especificamente a segunda geração, romance de 30 ou neorealismo e, por fim, levantar os aspectos políticos que influenciaram o cenário mundial, conseqüentemente o Brasil, para que a análise comparativa entre as duas obras seja realizada de forma clara, concisa e embasada.

Ele foi planejado com o intuito de ressaltar a importância de obras regionalistas que não são conhecidas em todo o território brasileiro. Embora o livro de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* seja mais conhecido, trata-se de uma produção nordestina; o mesmo não acontece com *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, que também é portador de grande cunho regional – sulista – mas que não é conhecido por todos os brasileiros. Martins e Ramos denunciam de diferentes formas um problema que foi, e continua sendo, comum a todas as regiões do País, mais precisamente aos habitantes que integram a classe trabalhadora: a falta de políticas públicas que possibilitem melhores condições de vida aos mais pobres. Existem muitos outros autores neorealistas espalhados pelo Brasil, os quais também têm alcance limitado, em parte, por não haver um trabalho de pesquisa mais incisivo. Oferecer a estas obras – inicialmente às duas mencionadas – a atenção e a importância devidas foi a motivação para a realização deste trabalho de pesquisa.

A análise dos livros será realizada com base em três pontos principais: o primeiro deles será o tempo – tempo interno das obras e o contexto em que foram produzidas –; o segundo ponto a ser abordado será o espaço e a ambientação das obras, ou seja, a realidade dos personagens quanto ao local onde vivem e à forma como vivem; o terceiro e último ponto a ser trabalhado será a sociedade, pois a questão levantada é “como a sociedade é abordada nas duas obras?”. Inicialmente, essas questões serão examinadas separadamente para que, em um segundo momento, analisemos as semelhanças e as divergências entre as obras e cheguemos a uma conclusão.

A pesquisa baseou-se num referencial teórico com mais de dez livros, entre os quais estão as obras em foco, teorias literárias, filosóficas, de cunho histórico, antropológico entre outros. Em virtude disso, os resultados se mostram coerentes, abrindo nossa mente para pontos importantes que passaram, e ainda passam despercebidos em nossas aulas de literatura e história no ensino regular.

## **2 O Romance de 30**

O século XX ficou marcado na literatura brasileira pela realização da Semana de Arte Moderna, cuja consequência foi a instauração de uma nova estética: o Modernismo. Segundo Gonzaga, esse período histórico-literário é de grande importância pela ruptura com os parâmetros estéticos europeus e pelo nascimento de uma literatura que se pretendia estritamente brasileira, com características locais, com liberdade de expressão, com mudanças radicais nas temáticas – a incorporação de elementos do cotidiano como matéria poética entre outras.

Segundo Gonzaga (2001), o Modernismo se dividiu em três partes, quais sejam: (1) o Modernismo de 1922, marcado pela Semana de Arte Moderna, que tem como precursores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha entre outros; (2) o Romance de 30, que se caracteriza pela abordagem política e pelas características do Realismo retomadas em plena produção de novas tendências. Entre seus autores mais prestigiados estão Graciliano Ramos, Cyro Martins e Jorge Amado; (3) a Geração de 45, que se destacava pelo vigor formal, pelo intelectualismo e também pelo caráter reacionário das obras produzidas. Entre seus principais autores estão João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar e Affonso Romano de Sant'Anna.

A esta pesquisa interessa, especialmente, a segunda geração, momento em que surgiu um rol de produções que se tornou conhecido como Romance de 30, para alguns, momento do Neorrealismo. Esse fato literário constitui um marco na literatura brasileira. Referindo-se a ele, Dacanal (2001) explica que a denominação desse conjunto de obras é de autoria desconhecida e refere-se a um conjunto de obras ficcionais escritas a partir de 1928.

De acordo com esse autor, identificar características do Romance de 30 não é uma tarefa fácil. As obras desse período não são homogêneas nem bem definidas. Entretanto uma primeira característica particulariza os autores dessa época: eles se revelam engajados politicamente. Evidenciam indignação e profundo desprazer ao representarem situações de um Brasil desconhecido para a maioria dos brasileiros. O país ilustrado pelos autores neorrealistas não era um local próspero, mas um lugar onde a miséria e incerteza constituíam a realidade

presente. Nessa linha de pensamento, Bosi (2006) revela que o conteúdo das obras neorrealistas analisa, agride e protesta. A esse ponto em comum, outras características podem ser apontadas. Sob o ponto de vista de Dacanal (2001), há mais seis.

A segunda característica – a verossimilhança – retoma a principal norma do Realismo do século XIX. O mesmo autor explica que o narrado é verossímil, semelhante à realidade. Se não aconteceu, poderia ter acontecido no mundo real, histórico. As forças que vigem no mundo narrado são as do mundo real. Não há quebra de leis físicas e biológicas, não há a intervenção de forças divinas ou diabólicas.

A terceira – também uma retomada de um dos princípios seguidos pelos escritores realistas do séc. XIX – refere-se à linearidade do relato. Dacanal (2001) explica que existe uma ordem cronológica entre os fatos narrados nas obras e o lugar que eles ocupam no ato da narração.

A quarta característica evidencia o tipo de linguagem em que se registram os eventos narrados. É uma linguagem “filtrada”: a língua empregada no registro do discurso nas obras do Romance de 30 prioriza a norma culta. Para Dacanal (2001), tal opção asseguraria comunicação com os leitores pertencentes à classe dominante, sensibilizando-os, quem sabe, para mudanças na realidade social brasileira.

A presença das estruturas históricas identificáveis constitui a quinta característica. Para Dacanal (2001), é possível identificar facilmente o período histórico focalizado nas obras neorrealistas. Esse procedimento facilitaria a leitura, a compreensão e a interpretação do leitor.

Como penúltima característica, o mesmo autor aponta que as produções do romance de 30 exploram temas preferencialmente agrários. Entretanto, há também produções urbanas. Para garantirem ligação com o agrário, os autores criam personagens oriundas do mundo agrário. Tal situação é responsável pelo conflito social que se desenvolve na narrativa do Romance de 30.

Finalmente, é acrescentada uma última característica ao Romance de 30: o otimismo. O autor classifica-o como “ingênuo” e justifica seu posicionamento: Se a miséria, os conflitos e a violência existem, tudo isso pode ser eliminado, principalmente porque o mundo é compreensível. E, portanto, reformável, se preciso e quando preciso. Basta a vontade dos indivíduos e/ou do grupo, para que a consciência, que domina o real, o transforme.

Acusar um sistema que, segundo os autores neorrealistas, prejudicava demasiadamente

a população brasileira era o principal objetivo a ser cumprido. Por isso a tristeza do enfoque dos fatos sociais que se estabelece naquele período histórico.

No grupo de escritores dessa época, incluem-se José Américo de Almeida, Erico Veríssimo, Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Ivan Pedro Martins. Considerando a história da literatura brasileira, o Romance de 30 influencia outros escritores das décadas de 1970 e 1980, entre os quais Charles Kiefer, cujos textos dão atenção a temas semelhantes aos denunciados pelo Neorrealismo. O livro *Caminhando na Chuva* nos conta a vida de um homem que teve uma infância muito pobre e permeada de preconceito. Ainda semelhante à segunda geração do Modernismo, o conto *O pêndulo do relógio* aborda a questão do pequeno agricultor de origem alemã no interior do estado do Rio Grande do Sul.

### 3 As narrativas

#### 3.1 *Vidas Secas*

A obra de *Graciliano Ramos Vidas Secas*, que teve sua primeira edição publicada em 1937, conta a história de uma família composta por quatro integrantes, que são: Fabiano, pai e marido, chefe da casa; Sinhá Vitória, esposa e mãe, sonhadora e otimista; Menino mais velho, que, como o nome – ou a falta dele – denuncia, é o filho mais velho de Fabiano e Sinhá Vitória; da mesma forma, o Menino mais novo, último e não menos relevante integrante da família. Além deles, completam o quadro de personagens o Papagaio, o Soldado Amarelo e o Fazendeiro, dono das terras em que vivia a família de Fabiano. O tempo de duração da trama não é relatado explicitamente, porém o fato de a narrativa iniciar descrevendo um cenário castigado pelo calor – verão – e ter seu final marcado pela seca – verão outra vez – indica que a obra expõe acontecimentos que ocorreram no espaço de um ano.

Fabiano e sua família caminhavam sem rumo pelo semiárido nordestino sem comida e sem trabalho, em virtude da seca, que não permite que haja atividade agrícola. Durante o verão, a família vivia do que encontrava na caminhada, principalmente das pacas, caçadas da cadela Baleia. Quando a situação estava crítica, a única saída fora sacrificar o papagaio de estimação. A primavera chega, a família se instala em terras privadas e Fabiano trabalha como vaqueiro em troca de poucos tostões, comida e abrigo. O pai de família se sente orgulhoso por poder sustentar casa e vai à cidade comprar mantimentos e outras coisas. Lá, o vaqueiro Fabiano conhece o Soldado Amarelo, que abusa de sua autoridade, toma todo o dinheiro de

Fabiano e o leva preso, após uma confusão num jogo de cartas. Dias depois, Fabiano retorna para casa sem saber explicar o acontecido, pois o soldado era representante do governo, logo, não poderia estar errado, aquilo o deixara confuso. Sinhá Vitória, mulher simples e sonhadora, somente imagina o dia em que terá uma cama de couro de sucupira, como a do dono das terras em que moravam antes de se mudarem, ”Seu Tomás da Bolandeira”. O Menino mais velho era curioso, gostava de descobrir novas palavras e fazia perguntas difíceis demais para serem respondidas. Achou linda a palavra “inferno”, e quando perguntou à mãe o que significava, acabou agredido. Assim, descobriu que inferno deveria ser um lugar onde as pessoas levavam muitos “croques” e eram infelizes. O Menino mais novo queria ser como Fabiano, sonhava com o dia em que colocaria seu chapéu e sairia para trabalhar, acenderia um cigarro e recolheria o gado da fazenda que estivesse cuidando. Para ele, esse era o ápice do sucesso.

Ao chegar o verão, a cadela Baleia fica doente e Fabiano decide sacrificá-la. O tiro mal dado foi suficiente apenas para lhe inutilizar uma das patas. Baleia latia alto e fugia, como se reivindicasse o direito de viver – justamente o que Fabiano e sua família não sabiam fazer. Com o verão estabelecido, a família de Fabiano decide rumar para o sul em busca de um futuro melhor. Caminham sem saber para onde, e sem saber se conseguirão chegar.

### **3.2 *Porteira Fechada***

A obra *Porteira Fechada*, do autor gaúcho Cyro Martins, faz parte de uma trilogia cujo nome é *Gaúcho a pé*. O livro conta a história de um homem chamado João Guedes. Durante toda sua vida, ele colecionou decepções e privações oriundas do ataque capitalista executado por grandes proprietários de terras do sul do Brasil. Casado com Maria José, pai de cinco filhos, João mora num pequeno imóvel em um bairro afastado na cidade de Boa Ventura, porém o imóvel não pertence a ele, mas sim a um grande proprietário, que lhe arrendara as terras para que pudesse sobreviver com a família. De forma repentina, o latifundiário, dono do pequeno sítio em que João vivia, vendeu todas as propriedades, entre elas as terras ocupadas pela família Guedes que, mesmo sob grande desilusão, acabou deixando o lugar e partindo para outro local, mais centralizado, na cidade de Boa Ventura. Ao chegar a sua nova casa, João percebe que ali moram muitos outros trabalhadores rurais na mesma situação. Eram pessoas que trabalhavam com a terra e dela tiravam o sustento. De repente, conheciam, na periferia de Boa Ventura, a miséria, a privação, o descaso do poder público e o preconceito da sociedade. Sem ter como sustentar a família, João comete crimes

para ter o que comer, rouba ovelhas de criadores da redondeza e vende os pelegos para obter algum lucro. Como se já não bastasse tamanha desgraça em torno de sua família, ao ver a situação desesperadora em que todos se encontravam, o patriarca se entrega ao vício do álcool.

Com o passar dos dias, João não enxerga outra opção que não seja a de permanecer vivendo de pequenos furtos, todavia, pouco tempo depois, é denunciado e preso. Maria José se vê desesperada à procura de ajuda. Recorre a uma parenta, que tenta prestar ajuda junto ao futuro genro advogado que, inesperadamente, nega ajuda a João. A negativa do defensor se deu pelo fato de ser filho do fazendeiro que denunciara o patriarca da família Guedes, dias antes. O advogado se candidataria a um cargo político dias depois e preferiu não se envolver no caso de João Guedes. Os grandes latifundiários, poderosos, endinheirados sempre eram bem-sucedidos, usufruindo da injustiça social para obterem sucesso; enquanto isso, pessoas como João Guedes jamais viveram, ou viveriam com tranquilidade.

Na medida em que João sofria com a desgraça que sobreveio sobre sua família e sobre os lares de todos os que ele conhecera na periferia de Boa Ventura, os grandes latifundiários permaneciam lucrando e se esbaldando em luxos inimagináveis para os que precisavam roubar para comer. João é julgado, condenado, mas logo depois é libertado. Ao chegar em casa, nota que uma de suas filhas está em fase terminal de tuberculose. João, então, se desfaz de seus últimos bens e, muito envergonhado e acovardado, caminha silenciosamente para a morte.

#### **4 Tempo em *Vidas Secas* e *Porteira Fechada***

No período em que as obras em foco foram produzidas, o mundo presenciou a fase mais violenta do capitalismo. O sistema havia enfraquecido e, por isso, operava tentativas desesperadas de se manter no topo da escala social. Isso fez com que o modelo econômico opressor se levantasse em várias frentes por toda a Europa na ânsia de combater a democracia, ou qualquer outro levante por parte do proletariado – trabalhadores. O salazarismo português, o fascismo italiano e o famoso nazismo alemão foram os movimentos pró-capitalismo mais conhecidos no mundo, segundo Sodré (1987).

O livro *Porteira Fechada* apresenta um alto grau de crítica, assim como os outros dois da trilogia “Gaúcho a pé”, referindo-se ao orgulho ferido do gaúcho que não possuía qualquer meio de transporte, mais especificamente o cavalo. João Guedes, personagem principal da obra gaúcha, sofre com a falta de oportunidades e, por fim, vende seu cavalo para tentar salvar

a filha da morte. O gaúcho interpretado pelo personagem perde toda a dignidade e orgulho ao ter que se desfazer de todos os bens e, principalmente, ao ver a família definhando na pobreza. O modelo econômico vigente – capitalismo – está presente na figura da prima rica de Maria José, do dono das terras de que João Guedes rouba para comer, e também na figura do filho do dono dessas terras, que, ironicamente, aparece como futuro membro da família.

A inevitável caminhada para a morte é evidente, fugindo à regra do gaúcho valente, destemido, dando lugar a um homem arredio, maltratado e com medo do futuro. Levando em consideração o fato de Cyro Martins ser filiado ao partido comunista, provavelmente, o intuito era mostrar a face do capitalismo às pessoas que sofriam a opressão oriunda desse modelo econômico, mas que não percebiam tal manobra por falta de instrução.

Da mesma forma, o livro de Graciliano Ramos, que também era filiado ao PCB, possui alto teor de criticidade ao descrever uma família sem qualquer acesso à educação e que era integrada por dois membros que não tinham nomes – menino mais velho e menino mais novo. Contrapondo a ideia de ignorância total da casa, a cadela da família, Baleia, além de possuir um nome, ainda que estranho, portava um senso crítico e poder de expressão maior do que qualquer um dos componentes da casa de Fabiano e Sinhá Vitória. A família passava fome e, aparentemente, conformava-se com o destino, sem que clamassem por ajuda. A cadela, por vezes, saía para caçar e matar a fome, fazendo exatamente o que Fabiano e Sinhá Vitória não faziam, ou não sabiam fazer: lutar pela vida.

Ramos, com muita sensibilidade, apresenta ao leitor uma família alienada por não ter consciência dos próprios direitos. O capitalismo, assim como em *Porteira Fechada*, aparece no livro do autor nordestino. A figura representada pelo Soldado Amarelo ilustra um sistema opressor e autoritário que rouba a maior parte dos bens que o povo possuía.

### **5 Espaço em *Vidas Secas* e *Porteira Fechada***

O espaço em que a história se passa, sem dúvida, tem grande relevância na recepção – repercussão que a obra causa. Sabendo que a provável intenção era mostrar a face monstruosa do capitalismo, o cenário inicial da narrativa não poderia ter sido mais bem escolhido, um velório. A certeza de que João Guedes morreria no final permeia a obra de um pessimismo contínuo. As lutas enfrentadas pelo chefe de família aparentam ser mais dolorosas ao sabermos que todos os fatos narrados irão empurrá-lo para a morte. A descrição da zona periférica de Boa Ventura, local em que a família se abriga ao sair da zona rural, demonstra a degradação pela qual passavam. Por meio dos tantos ambientes desfavoráveis descritos,

podemos notar que a família Guedes passava por muitas provações, provocadas pelo inchaço das grandes cidades e conseqüente encolhimento das zonas rurais.

Em *Vidas Secas* não é diferente, pois desde o primeiro capítulo é descrito um local maltratado pela seca. O chão rachado e a falta de alimento nos mostram a imensa dificuldade enfrentada pelo quarteto. Posteriormente, uma cidade próspera e cheia de pessoas consumindo nos projeta a ideia de um sistema que obriga um vaqueiro a sair de seu local de origem para conseguir seu alimento. O bar em que Fabiano joga carteadado com o Soldado Amarelo também nos remete a um local totalmente desfavorável, porém nada comparado à cadeia, local aonde Fabiano fora levado por “desacatar” o Soldado, que lhe confiscara os poucos vinténs. Em seguida, a caminhada rumo ao sul do país nos provoca pensamentos pessimistas, pois, se em um espaço territorial tão pequeno, durante todo o ano narrado, a família corria risco de morte, num trajeto estendido as chances de não obterem êxito eram muito maiores. O fato de não estarem mais com a cadela Baleia acentua o panorama negativo, visto que o animalzinho salvara a família da morte em algumas oportunidades.

Concluimos, portanto, que o espaço utilizado pelos autores tem papel fundamental na representação de um ambiente desfavorável. O velório e o sertão – os últimos locais abordados em ambas as obras – são lugares descritos que potencializam o tom pessimista que os autores empregam, com a finalidade de promover a filosofia socialista no Brasil. Segundo Sodré (1987), durante o período histórico estudado – 1928 até 1947 – os movimentos socialistas eram confundidos com manifestações terroristas de alguns grupos sindicalistas radicais da Europa, por isso o estado nacional disseminava a ideia de que o comunismo era um movimento violento e opressor. Os artistas, por meio da própria produção, mostravam a realidade fúnebre e degradante do capitalismo, com o intuito de enaltecer os movimentos de esquerda.

## **6 Sociedade em *Vidas Secas* e *Porteira Fechada***

Um dos dados mais evidentes nas duas obras são as diferentes formas de estrutura social e de meios de vida entre as regiões do Brasil. A linguagem, os costumes, as características geográficas são muito distintas entre a terra de João Guedes – interior do Rio Grande do Sul – e de Fabiano – sertão nordestino –. Num país de dimensões continentais, encontrar diferenças é muito fácil; semelhanças, nem sempre. Contudo, durante o auge do estilo neorrealista, Cyro Martins e Graciliano Ramos delinearão muito bem suas regiões, porém não excluíram o Brasil de tal descrição.

Em *Porteira Fechada*, um dos principais identificadores culturais da família Guedes é a linguagem. A fala que remete a um homem proveniente do interior rio-grandense denuncia o local em que vivem, sem que seja necessário informar o leitor. João Guedes e sua família viviam num sítio arrendado. Ao que tudo indica a família não passava fome, pois comiam o que produziam e, provavelmente, consumiam pouco. Ao serem despejados pelo dono das terras, são empurrados para o subúrbio de Boa Ventura. Sem espaço para plantar, João é obrigado a mudar-se, para que não morra de fome junto com a esposa e as filhas. Sem oportunidades para trabalhar em algum lugar que oferecesse condições de vida digna, o castigado homem passa a viver de crimes e vai para a cadeia. O último tópico observado foi a venda de seu cavalo.

A ação que deu nome à trilogia – Gaúcho a pé – nos mostra que todos os elementos que mantinham o orgulho desse pai de família foram tomados, um a um, pelo capitalismo.

Se em *Porteira Fechada* a linguagem é fator regionalizante, a falta desse elemento na obra de Graciliano Ramos também a torna uma obra regional. O fato de Fabiano ter dois filhos sem nome, de emitir grunhidos em vez de formular reclamações audíveis, de não questionar a sentença do Soldado Amarelo ao ser preso injustamente são fatos que acionam nosso conhecimento enciclopédico. Com essa quantidade de constatações, podemos entender que a população da região descrita é de extrema pobreza e sem qualquer acesso à educação. Um dado que nos ajuda em tal conclusão é a figura da cadela, Baleia, que apresenta maior vontade de viver e mostra condições de se manter viva sozinha. Outro dado relevante para a identificação da geografia local é o “chão rachado”, muito característico na região Nordeste do Brasil. O trabalho escasso tanto no verão quanto na primavera em virtude da seca nos remetem a um lugar sistematicamente castigado.

Com realidades tão opostas, parece impossível encontrar qualquer tipo de semelhança entre as duas narrativas. Mesmo apresentando cenários, climas, personagens tão diferentes, existe um elemento que une todas as obras brasileiras do estilo neorrealista: a falta de políticas públicas que proporcionassem uma vida digna aos menos favorecidos. Tanto João quanto Fabiano eram vítimas de uma realidade triste e cansativa. Os dois personagens, embora tão diferentes, se assemelhavam por serem vítimas de um mesmo sistema político. João morreu; Fabiano seguiu viagem, porém as perspectivas de sucesso da família nordestina eram mínimas. Por muitas vezes, Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos se viram passando fome, correndo sério risco de morte. Logo, numa viagem tão longa rumo ao Sul do Brasil, a probabilidade de sucesso é baixíssima. E mesmo que chegassem sãos ao destino, o ambiente

encontrado seria tão opressor quanto o que deixaram. Com esses elementos, podemos afirmar que as duas obras possuem alto grau de regionalismo, porém o Brasil está evidenciado em ambos os textos por meio do sistema social descrito.

## 7 Considerações finais e conclusão

Este artigo buscou esclarecer as questões propostas como objetivos específicos. As problematizações buscaram trazer à luz características dessas produções que as classificassem como obras do estilo denominado Romance de 30; observar semelhanças e divergências entre as obras; e encontrar evidências que permitissem classificar os autores como engajados.

A resposta para a primeira pergunta é respondida durante a análise comparativa entre as narrativas. O tempo e o espaço nos mostram um mesmo Brasil, porém em lados opostos. O nordeste ilustrado em *Vidas Secas* possui terra seca – como o próprio nome sugere; já em *Porteira Fechada*, Boa Ventura possui um solo fértil para o trabalho rural. *Vidas Secas* nos remete a uma situação degradante no sentido físico. A fome, o calor, a privação são pontos-chave para que a indignação, proposta pela ideologia neorrealista, alcance o leitor. Em *Porteira Fechada*, a degradação é moral. Por mais que a necessidade chegasse à casa da família Guedes, a vergonha pela situação difícil na qual se encontravam fez com que o patriarca caminhasse para a morte. A trilogia, que recebe o nome de *Gaúcho a pé*, já nos aponta um gaúcho sem perspectivas de um futuro digno, pois já não possuía seu bem mais característico: o cavalo.

Mesmo com tantas divergências quanto a tempo, espaço, velocidade das narrativas, as duas obras andam de mãos dadas, protestando de forma contundente contra um modelo sociopolítico que pisava na fatia menos favorecida da população e a condenava à morte certa. As duas obras do Romance de 30 protestam, portanto, contra o mesmo problema que se abatera sobre nosso país. País de Fabiano e também de João Guedes.

O último foco de pesquisa é desvendado com a informação de que Graciliano Ramos e Cyro Martins, autores das obras em foco, eram membros do movimento comunista brasileiro. As ideias comunistas, duramente combatidas em todo o mundo, foram desenvolvidas com base na filosofia socialista de Karl Marx. Os ideais do pensador rapidamente se espalharam por toda a Europa, e muitos grupos revolucionários tomaram como base seus preceitos, entre eles alguns com tendências terroristas. Isso fez com que a filosofia marxista atingisse alto grau de rejeição. O socialismo tinha como principal objetivo se opor ao capitalismo, sistema vigente até hoje. Atualmente, contudo, os movimentos de esquerda ocorrem isoladamente e

com propósitos específicos, visto que foram vencidos pelo capitalismo e enfraqueceram, principalmente após a derrota da União Soviética, na II Guerra Mundial.

Concluimos, com este estudo, que o alto grau de indignação dos autores e o seu comprometimento político na produção de suas obras tornaram Graciliano Ramos e Cyro Martins autores engajados, pertencentes à segunda geração do modernismo, Romance de 30, ou neorrealismo.

### **Referências**

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DACANAL, José Hildebrando. **O Romance de 30**. Porto Alegre: Novo Século, 2001.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- GONZAGA, Sérgio. **Manual de literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- MARTINS, Ciro. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 1986.
- NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Literatura e história no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.